

## MEMÓRIA E DECLARAÇÃO DE AMOR EM DOM CASMURRO

Marlus Pinho Oliveira Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** este artigo sustenta a ideia de que o romance Dom Casmurro de Machado de Assis pode ser compreendida como uma declaração de amor à personagem de Capitu. Mais do que qualquer outra coisa, Dom Casmurro é uma declaração de amor cruel e trágica; cicatriz completa de ferida aberta na alma de quem ama. Partindo de elementos presentes na própria obra machadiana faz-se a elaboração que leva a este entendimento num recorte neste sentido. Toda o romance Dom Casmurro é uma travessia baseada num relato da memória entrecortada com as considerações do narrador-personagem a respeito de sua própria história, do seu ponto de vista, da sua perspectiva dos fatos tais quais lhe pareceram. Um olhar sobre o olhar nostálgico que o narrador deposita e se desdobra em si sobre si mesmo. É sobretudo, o artigo, um olhar para o modo como o narrador-personagem sente sua própria história, sendo como lhe parece ser; importa aqui o sentimento do Dom Casmurro, sua evocação da passagem dos tempos, dos acontecimentos, da vida mesma em seu desenrolar. Menciona-se também a importância do painel histórico, da moldura histórica ou mesmo fragmentos históricos que perpassam pela obra dialogando com a mesma ainda que não seja o foco do artigo. Dom Casmurro é sobretudo a memória que ama.

**Palavras-chave:** *memória, romance, amor, Machado de Assis, literatura.*

### Introdução

Joaquim Maria Machado de Assis é o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Machado de Assis nasceu pobre, no morro do livramento no Rio de Janeiro em 1839, fez estudos formais irregulares; foi autodidata pela vida inteira. Sendo mulato e pobre numa sociedade escravocrata e monárquica conseguiu o grande feito de por esforço próprio ascender e se tornar uma exceção em meio a um país excludente desde sempre em sua história. Machado de Assis foi jornalista, escritor e funcionário público. Machado escreveu praticamente em todas as formas possíveis na literatura; contos, romances, crônicas, teatro, poesia, crítica. Em todas essas artes ele foi bom, mas sobretudo no conto, no romance, na crítica e na crônica ele foi um dos maiores do seu tempo em qualquer latitude. Foi fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, faleceu em 1908 no Rio de Janeiro. A mais de 100 anos sua obra é lida e debatida sem ponto final. Sobre a juventude de Machado de Assis recomendamos o livro de Jean-Michel Massa sobre o tema (2009).

A ideia deste artigo surge do interesse pela literatura machadiana e, também, pelo encantamento que o livro Dom Casmurro provoca; livro este que sempre desperta interesse e arrebatamento. Sem esquecer a importância das questões ideológicas do

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Vernáculas (UFBA) / Mestrando em Cultura e Sociedade (UFBA)

império, as questões de classe, as questões de gênero, as questões de cor, as questões políticas e econômicas todas elas são tratadas em Dom Casmurro de um modo ou de outro, bem como em toda a obra machadiana, todas estas são questões vitais, muito embora não sejam o tema deste *paper*. Este artigo tratará da importância da memória como suporte e transporte fundamental na narrativa de Dom Casmurro, sobretudo enquanto veículo de uma declaração de amor total. O fio que sustenta a memória em Dom Casmurro é o amor; e este relato em forma de romance é a materialização deste amor. De certo modo o velho Casmurro retoma o começo por sentir chegar o fim.

Muitas são as possíveis leituras da obra quanto às questões mais literárias, históricas, sociológicas. Para estas tantas leituras recomendamos Roberto Schwarcz, Helen Caldwell, John Gledson, Lucia-Miguel Pereira, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, José Guilherme Merquior, Abel Barros Baptista, Fernando de Barros e Silva, Silviano Santiago etc.

### **Machado de Assis da maturidade: romance e memorialismo**

Boa parte da obra romanesca de Machado de Assis da maturidade são memórias. Vejamos, sua obra de maturidade começa com Memórias Póstumas de Brás Cubas, que pelo título já se revelam memorialística; que muitos consideram sua obra prima, depois Machado lança Quincas Borba em folhetim entre 1886 e 1891 e viria a ser publicado no ano de 1892. Depois viria aquela que a maioria considera sua obra prima o inenarrável romance Dom Casmurro em 1899, do qual iremos tratar mais neste trabalho. Após Dom Casmurro, Machado lançaria Esaú e Jacó em 1904, curioso notar que este romance traz em sua abertura a informação de que é da lavra do Conselheiro Ayres, dando a entender que foi encontrado após sua morte e que estava ao lado dos escritos que se revelaram o Memorial de Ayres. Já em 1908, mesmo ano de sua morte, Machado de Assis lançaria Memorial de Ayres, que no próprio título já lhe revela a força memorialística, e que é enquanto romance uma aula de escrita e de forma, ainda que não tenha o vigor dos outros grandes romances, mas que é a decantação de um estilo, a maturidade suprema e sublime de um autor que chegou ao cume do que era possível em seu tempo. Seu estilo é sóbrio, preciso, enxuto, elaborado, elegante. Para todo aquele que escreve, o Memorial de Ayres é uma lição imorredoura e inarredável, é como se fora o testamento de seu autor. Sendo que destes romances todos Quincas Borba é o que mais foge deste tom memorialista.

Estamos a defender inicialmente que um dos maiores romancistas brasileiros sustenta boa parte da sua obra de maturidade em matéria de memória, ainda que em memória de seus personagens-narradores.

Para Carlos Heitor Cony (2015) Machado de Assis é o maior escritor brasileiro, todavia, em termos romanescos, Cony considera Lima Barreto o único romancista brasileiro a superar Machado, pela contundência do conteúdo de sua obra, a densidade do drama humano, vide *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Não custa lembrar, inclusive, que Lima Barreto também transitou pelas memórias no seu *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

### **Dom Casmurro, a emoção pela memória**

A abertura de *Dom Casmurro*, ainda que perca em engenhosidade minemônica para *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é uma das mais belas introduções de romance em qualquer língua. Pela condução da memória de situar-se a si e ao leitor no que será narrado e de que ponto de vista. Machado é aqui descomunal.

Começa recordando o porque do apelido vetusto, a saber, DOM CASMURRO. Indica como quem conta algo com grande leveza e tranquilidade que são difíceis de por no papel com tamanha naturalidade a revelar os acontecimentos. O narrador relata que vinha de trem e encontrou um poeta que lhe lera os versos naquela pequena viagem de trem entre a cidade e o Engenho Novo; como estava bastante cansado acabou dormindo durante a leitura dos versos, coisa que fez o poeta aborrecer-se e passar a dizer mal do narrador; um destes maldizeres foi a alcunha DOM CASMURRO. O apelido acabou pegando, foi espalhado pela vizinhança que não lhe gostava do jeito recluso e calado. O narrador não zangou em virtude do apelido. Contou aos amigos como anedota. O nome foi incorporado ao cotidiano. Notável o aviso que dá o narrador, dispensando o uso do dicionário, remetendo o *Casmurro* no sentido coloquial de uma pessoa taciturna, cerrada em si mesma. A ironia do *Dom* é inimitável, simples, singela e cortante, desses cortes de cicatrizes do para-sempre. *Porque memória é antes de tudo cicatriz.*

Isso tudo por um cochilo, talvez antessala do sonho. A absorção do apelido, e a assunção de apelido a título da narração de sua vida, da união entre as duas pontas da vida demonstra que o velho Casmurro já não guarda mágoa das coisas da vida, revela-lhe abrangência de alma.

Já no segundo capítulo o narrador relembra porque construiu sua casa tal qual o fez, e o fizera para recordar a antiga casa na qual se criou na rua de Mata-cavalos, no mesmo aspecto e modo daquela outra, que àquela altura já havia desaparecido; era pleno século XIX, a casa era um sobrado como os tantos que de certo modo fizeram o Brasil novecentista imortalizado(s), talvez, naquela que é a maior obra do pensamento brasileiro que é *Sobrados e Mocambos* de Gilberto Freyre (1936). Sobrado com varandas, ornados

de bustos de imperadores romanos que somente os 4 ali referidos exigiriam tratados da sua presença na História. Temos aqui o percurso da memória e a lembrança tão marcante da primeira morada que o Dom acaba por fazer de sua morada derradeira ao mesmo modo da morada inicial.

No terceiro parágrafo do segundo capítulo está um dos pontos mais altos de toda a literatura, a tentativa de recomposição do impossível, a saber, atar as duas pontas da vida. O narrador intenta restaurar em velho o adolescente. E o desola mais do que a perda dos outros a perda de si mesmo. Lacuna esta insuperável. De todos os que conhece são mais moços e moças, de um tempo mais próximo e, portanto, de si mais remoto a ponto de o diálogo requisitar dicionários. São mundos diversos entre pessoas que não compartilham a mesma memória do tempo.

A diferença de memória e contexto não necessariamente torna a vida pior. De todo modo o tempo recondiciona a memória, preserva e muda sabores, por vezes separa rosas e espinhos. O narrador pensa em escrever memórias dos subúrbios, mas desiste, pelo sério risco que correria do enfadonho de datas e documentos. Talvez Carlos Heitor Cony tenha tentado uma memória dos subúrbios em *O Ventre*, ou Nelson em suas peças e crônicas.

Então foi que os bustos das paredes aconselharam o narrador a pegar da pena e contar alguns dos seus tempos idos, algumas de suas memórias pessoais. Ideia essa que o alegrou. E aqui o narrador toma a reconstituição das suas memórias sem maior método, diz ele que as verterá ao papel conforme forem vindo. Assegura que deste modo viverá o que viveu. Ele começa por uma tarde inesquecível, uma tarde de um novembro já muito distante, e ainda assim eterna em chamas no seu espírito.

Esta tarde o narrador a reconstitui no capítulo três, quando alguém lhe profere o nome, é 1857. O narrador tem 15 anos naquela data, e é denunciado por um agregado de sua família de estar pelos cantos com uma vizinha de 14 anos, com o agravante de que sua mãe o havia prometido para padre. Interessante que ao formular as possíveis vitórias na carreira eclesiástica, que possivelmente poderia ter o narrador, o agregado José Dias acaba lembrando que o governo brasileiro já havia sido regido pelo Padre Diogo Antônio Feijó. Homem impressionante e impressionantemente esquecido, que, infelizmente, de algum modo desapareceu da memória brasileira. Nesta passagem José Dias nos lembra também que um bispo havia presidido a assembleia nacional constituinte do império, muito embora a obra não nomine, mas uma breve pesquisa nos mostra que este bispo foi o Bispo Capelão-Mor José Caetano da Silva Coutinho. Esta assembleia infelizmente foi desativada pelas forças armadas do imperador Dom Pedro I.

Essas janelas de possibilidades de diálogos com a reconstrução do tempo são uma das forças que constitui o romance *Dom Casmurro* e toda a obra de Machado de Assis. Porque permitem ver a paisagem da passagem de um tempo que se foi, mas que de algum modo resta documentado nos livros, nas fotografias, nos jornais, nos relatos, nas obras de arte, nas arquiteturas da vida, nas lápides dos cemitérios, nas igrejas, nas praças e mesmo nos desvãos do grande museu da vida. Também por isso poucos autores brasileiros tenham sido tão debatidos e se tenha escrito tanto a respeito dele e de sua obra, até pelo fato de ter nos chegado tão poucas informações sobre sua vida pessoal. Em verdade o autor de *Dom Casmurro*, se enquanto criador foi fundo nas memórias de seus personagens, enquanto pessoa eliminou o quanto pode os vestígios dos seus passos pela vida, destruindo pistas importantes para compreender sua surpreendente trajetória. Isso se depreende muito da leitura das (tentativas de) biografias do grande autor, desde os estudos de Lucia Miguel Pereira (1936) até aos mais recentes estudos de Jean-Michel Massa (2009) ou ao romance-biográfico de Silviano Santiago (2017).

Nesta arquitetura da memória está, além das figuras histórias já ressaltadas, o vendedor de cocadas que apregoava suas vendas pelas ruas do Rio, que dá a antever o tanto de um tempo que pode ser revelado pelas memórias de então. Vejamos um trecho no qual o autor por outras linhas descreve as marcas da memória no capítulo LX (ASSIS, 2013, p.138):

Querido opúsculo, tu não prestavas para nada, mas que mais presta um velho par de chinelas? Entretanto, há muita vez no casal de chinelas um como aroma e calor de dois pés. Gastas e rotas, não deixam de lembrar que uma pessoa as calçava de manhã, ao erguer da cama, ou as descalçava à noite, ao entrar nela. E se a comparação não vale, porque as chinelas são ainda uma parte da pessoa e tiveram o contato dos pés, aqui estão outras lembranças, como a pedra da rua, a porta da casa, um assobio particular, um pregão de quitanda, como aquele das cocadas que contei no cap. XVIII. Justamente, quando contei o pregão das cocadas, fiquei tão curtido de saudades que me lembrou fazê-lo escrever por um amigo, mestre de música, e grudá-lo às pernas do capítulo. Se depois jarretei o capítulo, foi porque outro músico, a quem o mostrei, me confessou ingenuamente não achar no trecho escrito nada que lhe acordasse saudades. Para que não aconteça o mesmo aos outros profissionais que porventura me lerem, melhor é poupar ao editor do livro o trabalho e a despesa da gravura. Vês que não pus nada, nem ponho. Já agora creio que não basta que os pregões de rua, como os opúsculos de seminário, encerrem casos, pessoas e sensações; é preciso que a gente os tenha conhecido e padecido no tempo, sem o que tudo é calado e incolor.

Isso tudo é tão forte que se encontra esculpido pelo livro afora, essa moldura do tempo. A memória da preservação dos costumes do vendedor de cocadas, da arquitetura

do Rio de Janeiro de um tempo, da arquitetura social de um tempo, dos bairros antigos de antes da reforma da administração Pereira Passos.

Há também um significativo momento, da relação entre memória vida e morte, no capítulo CXLII em que morre D. Glória, a mãe de Bentinho, e em sua lápide ele coloca apenas a inscrição “uma santa”. Diz que a ninguém irá importar datas, filiações, nomes quando a morte chega. Deveras interessante tal relação entre memória e vida, no sentido de que o que vale mesmo é o que se fez, quem se é, para além das inscrições formais.

### **Voltando à tarde de novembro**

No pequeno capítulo VIII o Casmurro retorna à tarde de novembro de 1857 que tanto o marcara a memória e a alma; neste pequeno capítulo ele retorna apenas para dizer que ali foi quando verdadeiramente se inicia a sua vida. Nos capítulos anteriores ele apresenta alguns dos personagens da história, entre o terceiro e o sétimo capítulos.

No capítulo XII o narrador retoma novamente a tarde de novembro de 1857, de certo modo era o seu *Verão de 42* (MULLIGAN, 1971), tão apaixonado quanto, e ainda mais, inocente. As palavras de José Dias reverberavam em sua mente, a denúncia de que ele e a filha dos vizinhos estariam sempre juntos, tal revelação o afligiu contundentemente. O mais interessante é perceber que Bentinho até então nunca havia se o dado conta de que amava Capitu, somente a partir das palavras do agregado José Dias e da rememoração dos carinhos, das conversas, dos gestos, da companhia cotidiana de Capitu é que percebera que estava apaixonado por ela, e que gostava de a escutar de memória. Sim, a memória que ama.

### **Dom Casmurro: memória e declaração de amor**

Nosso conceito de memória é o conceito comum mesmo, enquanto dispositivo que retém informações, dados, imagens, ocorrências, fatos, acontecimentos passados.

O amor pode ser uma grande felicidade ou infelicidade, no sentido daquilo que é sublime pode se converter num grande abismo, como quem pulou do precipício em queda livre sobre rochas. A memória registra a ascensão e a queda. Dom Casmurro é neste sentido a ascensão e queda de um grande amor.

No decorrer da história Bentinho/Dom Casmurro relembra as brincadeiras, o primeiro beijo e uma série de acontecimentos que dão substância ao romance. Mas, gostaríamos de centrar no fim trágico, na memória do desenlace. Porque de certo modo todo o romance Dom Casmurro é uma declaração de amor a Capitu. De alguma maneira

o que Bento Santiago-Dom Casmurro quer dizer é, parafraseando Catherine Earnshaw em “O morro dos ventos uivantes”, -*Eu sou Capitu* !

### **Um memorialista que se faz esquecer**

Interessante notar que no capítulo CXLIV Bentinho diz que provavelmente não chorarão por ele. Afinal, ele tem se feito esquecer. Fenômeno corolário de sua clausura. Talvez porque ao memorialista em questão não importe tanto os outros. Depreende-se do relato esculpido no romance que o Bento Santiago da maturidade já não se importa mais com os outros. Está sereno, voltado para a imensidão de si, que, ainda que não seja larga e não precisa sê-la, é suficiente para o correr dos dias, para suportar-se a si consigo mesmo. A memória dança com a lucidez da mente cotidiana, e nesta valsa os fortes podem conseguir sobreviver às suas feridas mais pungentes sem precisar recorrer às ilusões da galhofa e de entretenimentos que tais.

Não importa aqui tanto se Capitu traiu ou não, não importa aqui tanto a sociedade patriarcal ou não. O ponto aqui é a força do amor que navega na memória, independentemente do quanto seu relato é fidedigno ou não.

A força deste amor que atravessou a vida de Bento Santiago-Dom Casmurro pode ser sentida no final do livro no capítulo CXLVIII quando diz que apesar de ter encontrado outras mulheres pela vida afora nenhuma jamais o fez esquecer Capitu; provavelmente porque nenhuma das outras mulheres tinham olhos de ressaca. Olhos da força do mar, olhos da força do amar. Pessoas assim são inesquecíveis e inarredáveis dos nossos corações e memórias. Em tudo esta memória é presente, a memória do gesto, da voz, do gozo, do olhar; sobretudo a memória da pele. Interessante notar a aproximação que faz Merquior (1979) entre a prosa Machadiana e o impressionismo.

E em tudo essa busca pela união das duas pontas da vida, meninice e velhice, passam a suprema ideia de esperança. Talvez de constituir uma possível felicidade que já teve, de descobrir uma epifania, uma comoção particular em seu estado de espírito como já de há muito não alcançava. O narrador busca reinventar a vida através da reminiscência. Num passado que guarda o melhor que já vivera e que traz consigo na memória e que se esforça por reviver através do seu relato; e neste desiderato lembra as memórias de Nelson Rodrigues em *A Menina sem estrela* (1995).

### **Conclusões**

Não cabe aqui falar em Capitu, escreveremos um artigo apenas para tratar dela futuramente. Para nós outros Capitu é a preparação para o século XXII. Mas, podemos

falar de Dom Casmurro, o personagem-narrador; ele sugere a pergunta final acerca de Capitu se por acaso a mulher madura não já se encontrava na jovem menina. Como dito anteriormente não é o momento de tecermos considerações acerca dela. Todavia, aproveitamos o comentário acerca da pergunta do narrador para fazê-la acerca dele mesmo, é dizer, não estaria já no menino Bentinho o velho Casmurro? A resposta é negativa. Bentinho passa por muitas coisas para se tornar Dom Casmurro, e ter a tranquilidade para se tornar o grande narrador que se tornou e para aprender a rir de si mesmo com grande maestria, concordemos com ele ou não. Admirar-lhe a pena não é necessariamente concordar com ela ou felicitá-la, mas é perceber a condução de uma grande história. A história trágica de uma educação sentimental de um homem frágil diante de uma mulher sublime (ainda que imperfeita, mas segura de si). De certo modo o Dom Casmurro é a história de um longo dia entre o alvorecer, o meio-dia e o crepúsculo; na tentativa impossível de juntar crepúsculo-alvorecer.

Dessa tentativa fica o *tour de force* da memória enquanto declaração de amor, contundente e sem derramamentos. Serena e indelével como deve ser a vida que vale a pena ser vivida. Tal declaração de amor é particularmente notável no capítulo CXLVIII já referido anteriormente quando diz: “*Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada.*” (ASSIS, 2013, p.245).

A declaração de amor esculpida em Dom Casmurro concentra-se sobretudo no entendimento de que Capitu foi quem mudara a vida de Bentinho, foi quem lhe dera as primeiras e maiores emoções de sua vida, tendo sido o acontecimento-encontro mais marcante de toda uma vida. E certamente para aqueles que não são céticos ou que ainda não congelaram o próprio coração ou as emoções conseguem perceber a importância de alguém que funciona como um motor assim para outrem a quem a vida navega num piloto automático inosso e sem maiores dimensões.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

\_\_\_\_\_. **Esaú e Jacó**. Disponível em: <  
[http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&coobra=2042](http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=2042) > Acesso em 14.abr.2018

\_\_\_\_\_. **Memorial de Aires**. Disponível em: <  
[http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&coobra=2037](http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=2037) > Acesso em: 14.abr.2018



**Memórias póstumas de Brás Cubas.** Disponível em: <  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf> > Acesso em:  
15.abr.2018

**Quincas Borba.** Disponível em: <  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000243.pdf> > Acesso em:  
15.abr.2018

BAPTISTA, Abel Barros. **A reforma hermenêutica. Acerca da legibilidade de Dom Casmurro.** (in) CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Nenhum Brasil existe. Pequena enciclopédia.** Rio de Janeiro: TopBooks, 2003.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isaiás Caminha.** São Paulo: Ed. Ática, 1995.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis. O enigma do olhar.** São Paulo: Ed. Ática, 1999.

CHALOUN, Sidney. **Machado de Assis historiador.** São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SILVA, Fernando de Barros e. **Dialética envenenada. Duas meninas na periferia do capitalismo.** Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs010604.htm> >  
Acesso em: 15.abr.2018

CONY, Carlos Heitor. **O romance carioca.** Disponível em: <  
[https://www.youtube.com/watch?v=4\\_EpzHfnMUI](https://www.youtube.com/watch?v=4_EpzHfnMUI) > Acesso em: 14.abr.2018

FILHO, Luiz Viana. **A vida de Machado de Assis.** Livraria Martins Editora, 1965.

GLEDSON, John. **O rapto do narrador.** Disponível em: <  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs28039909.htm> > Acesso em: 15.abr.2018

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis.** 2ª edição. São Paulo: Unesp, 2009.

MERQUIOR, José Guilherme. **Machado de Assis e a prosa impressionista.** (in) De Anchieta a Euclides. Breve história da literatura brasileira. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MULLIGAN, Robert. **Verão de 42 (Summer of '42).** EUA: Classline, 1971.

PEREIRA, Lucia-Miguel. **Machado de Assis - estudo crítico e biográfico.** Disponível em: < <http://www.brasiliana.com.br/obras/machado-de-assis-estudo-critico-e-biografico/pagina/7/texto> > Acesso em: 14.abr.2018

RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela.** São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SANTIAGO, Silviano. **Machado.** São Paulo: Cia das Letras, 2016.

SCHWARCZ, Roberto. **A poesia envenenada de Dom Casmurro.** (in) Duas meninas. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

**Um mestre na periferia do capitalismo. Machado de Assis.** São Paulo: Ed. Duas cidades e Ed. 34, 2000.